

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

**Instituto de Letras**

Licenciatura em Letras - Língua Portuguesa e Literaturas de Língua Portuguesa, Língua Espanhola e Literaturas de Língua Espanhola

Greice Naysinger Nascimento

**Os pretéritos perfeitos no espanhol:**  
uma aproximação inicial para o ensino de ELE

Porto Alegre

2022

Greice Naysinger Nascimento

**Os pretéritos perfeitos no espanhol:**

uma aproximação inicial para o ensino de ELE

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial à obtenção do título de licenciada em Letras - Língua Portuguesa e Literaturas de Língua Portuguesa, Língua Espanhola e Literaturas de Língua Espanhola do Instituto de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Orientador: Prof. Dr. Félix Valentin Bugueño Miranda

Porto Alegre

2022

### CIP - Catalogação na Publicação

Nascimento, Greice Naysinger  
Os pretéritos perfeitos no espanhol: uma  
aproximação inicial para o ensino de ELE / Greice  
Naysinger Nascimento. -- 2022.

31 f.

Orientador: Félix Valentin Bugeño Miranda.

Coorientador: Greice Naysinger Nascimento.

Trabalho de conclusão de curso (Graduação) --  
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto  
de Letras, Licenciatura em Letras: Língua Portuguesa e  
Literaturas de Língua Portuguesa, Língua Espanhola e  
Literaturas de Língua Espanhola, Porto Alegre, BR-RS,  
2022.

1. Gramática. 2. Espanhol como língua estrangeira.  
3. Uso de formas verbais. I. Bugeño Miranda, Félix  
Valentin, orient. II. Nascimento, Greice Naysinger,  
coorient. III. Título.

## **AGRADECIMENTOS**

À UFRGS que me proporcionou um ensino superior de qualidade, me possibilitando desenvolver as habilidades necessárias para que esse trabalho fosse realizado.

Aos professores do Instituto de Letras que contribuíram durante a minha formação com seus ensinamentos.

Ao PIBID e ao NELE que colaboraram significativamente para o meu crescimento como estudante de espanhol e influenciaram na construção da minha identidade como docente.

À BPMJG e a toda a sua equipe (atual e do passado) que fizeram parte da minha caminhada como estudante e como profissional. Em especial à Renata Borges que me auxiliou com a bibliografia deste trabalho quando necessitei e à Sabrina Pereira que me orientou em relação à formatação.

Ao meu orientador, Prof. Félix Valentín Bugeño Miranda, pelo incentivo, pela dedicação e, principalmente, por confiar na minha capacidade para escrever esta monografia.

Aos meus colegas, companheiros de grupos de estudo, que estiveram presentes durante toda minha jornada acadêmica, e aos que passaram brevemente, mas deixaram a sua marca.

À Isabel pelo apoio e pela orientação que me forneceu durante todos esses anos.

Aos meus amigos, colegas de trabalho e às demais pessoas presentes na minha vida que me apoiaram no momento da escrita desta monografia.

## RESUMO

O presente trabalho propõe um estudo que busca analisar os fenômenos da morfologia verbal da língua espanhola no que tange ao emprego dos pretéritos *perfecto simple* e *perfecto compuesto*, comparando os usos dessas formas no espanhol geral com as demais variedades da língua faladas no continente americano, e avaliar a potencial importância desses usos no ensino de espanhol como língua estrangeira. Procurou-se contrapor diferentes visões entre o estudo de língua materna e o ensino de língua estrangeira, a fim de demonstrar uma série de opções e de soluções que ambos pretéritos perfeitos da língua espanhola apresentam. A partir de um panorama que expõe as diferentes concepções que abarcam os pretéritos perfeitos do espanhol, visa-se compreender os distintos empregos dessas formas verbais, onde ocorrem e a pertinência dessa diferenciação na comunicação dos falantes da língua espanhola. Além disso, discute-se também a relevância da ocorrência desses fenômenos em relação ao ensino de espanhol como língua estrangeira. Por fim, examinamos a contribuição do aspecto para as formas verbais de pretérito perfeito do espanhol. Em resumo, evidencia-se a importância de considerar a gramática como um fator para estabelecer e compreender os de diferentes fenômenos da língua, com a finalidade de discutir acerca de alternativas que possam contribuir para o ensino e para a aprendizagem de uma língua estrangeira.

**Palavras-chave:** Gramática. Espanhol como língua estrangeira. Uso de formas verbais.

## RESUMEN

El presente trabajo propone un estudio que busca analizar los fenómenos de la morfología verbal de la lengua española a respecto del empleo de los pretéritos perfecto simple y pretérito perfecto compuesto, comparando el uso de las dos formas en la lengua común con las demás normas de la lengua española hablada en el continente americano y evaluar su potencial importancia en la enseñanza de español como lengua extranjera. Se buscó contraponer diferentes puntos de vista entre los estudios de lengua materna y de la enseñanza de lengua extranjera, para ofrecer un abanico de opciones y de soluciones que ambos pretéritos de la lengua española presentan. A partir de un panorama en el que se demuestran las distintas concepciones que incluyen los pretéritos perfectos del español, se busca comprender los distintos empleos de estas formas verbales, dónde ocurren y la relevancia de esta distinción en la comunicación de los hablantes de la lengua española. Además, se discute también a respecto de la importancia de estos fenómenos en relación a la enseñanza de español como lengua extranjera. Por fin, investigamos la contribución del aspecto para las formas verbales de los pretéritos perfectos del español. En resumen, queda claro la importancia que tiene considerar la gramática como un factor para establecer y comprender los distintos fenómenos de la lengua, con el propósito de debatir alternativas que puedan aportar a la enseñanza y al aprendizaje de una lengua extranjera.

**Palabras-clave:** Gramática. Español como lengua extranjera. Empleo de las formas verbales.

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

ELE	Espanhol como Língua Estrangeira
LE	Língua Estrangeira
NGLEm	Nueva Gramática de la Lengua Española: manual
RAE	Real Academia Española

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>8</b>
<b>2 O QUE É GRAMÁTICA? .....</b>	<b>11</b>
2.1 O QUE É GRAMÁTICA EM RELAÇÃO À LÍNGUA ESTRANGEIRA?.....	15
<b>3 A OPOSIÇÃO <i>PRETÉRITO PERFECTO SIMPLE</i> E <i>PRETÉRITO PERFECTO COMPUESTO</i> .....</b>	<b>17</b>
3.1 DIFERENTES VALORES ATRIBUÍDOS AOS PRETÉRITOS PERFEITOS NO ESPANHOL .....	22
3.2 AS DIVERGÊNCIAS DE EMPREGOS DOS PRETÉRITOS PERFEITOS DO ESPANHOL E O ENSINO DE ELE.....	23
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>26</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>28</b>



## **PALAVRAS INICIAIS**

A presente monografia não tem a intenção de subverter a ordem do ensino de língua espanhola, nem de desvalorizar o ensino de línguas estrangeiras por meio do método comunicativo, mas sim, de discutir sobre um aspecto mais que possa ser relevante no decurso do ensino e da aprendizagem de uma língua. É, pois, somente através do diálogo que se constroem novas formas de enxergar uma educação significadora.

## 1 INTRODUÇÃO

Podemos constatar que o ensino de língua está, em grande parte, condicionado a uma concepção superficial do que realmente é gramática. Essa concepção refere-se ao uso restrito da gramática em certas situações, como, por exemplo, nos registros mais monitorados da fala e da escrita. Ao longo da graduação em Letras, analisamos em diversas disciplinas relacionadas ao ensino de língua materna como ela é empregada cotidianamente por seus falantes em comparação às normas da gramática tradicional brasileira.

Muitas vezes, no ensino de língua materna, a norma que orienta as situações formais de fala (geralmente considerada uma norma que somente representa a língua vigente em parte, dado que sua transformação é mais lenta em comparação com outras normas) não é estudada como se fosse uma das variedades da língua em questão, mas sim, como se fosse a variante “mais apropriada” em comparação com as demais. Normalmente, parte da língua descrita pelas gramáticas ditas tradicionais, já não representa a atual língua culta brasileira, ou seja, a língua utilizada pelos mais altos níveis sociais. Observa-se, pois, que há uma tendência no ensino de língua portuguesa a valorizar a correção gramatical e prescindir de uma análise mais significativa dos fenômenos da língua em uso.

Passagens encontradas em gramáticas de autores como Rocha Lima (2011) ou Bechara (2019) demonstram o exposto anteriormente, uma vez que fazem parte de uma norma idealizada e não de uma norma real, isto é, uma variedade da língua que não é utilizada nem nas camadas mais populares, nem nas camadas mais altas da sociedade brasileira. Um exemplo disso é o pronome *vós* registrado tanto por Rocha Lima (2011, p.156-158), como por Bechara (2019, p.234-236). Ambos autores indicam como pronomes de segunda pessoa do singular e do plural *tu* e *vós*, respectivamente, e acrescentam ainda que existem pronomes de segunda pessoa que requerem a terminação verbal de terceira pessoa, como é o caso de *você/vocês* utilizados no tratamento familiar. A partir desses exemplos, existe, de um lado, a forma *vós* que não é utilizada na norma real brasileira, seja na modalidade falada, seja na escrita, há dezenas de anos; e de outro, as formas *você/vocês* que estão amplamente difundidas na norma real da língua brasileira e são utilizadas pela maior parte da população em todos os níveis de registro e em todos os estratos sociais. Ainda poderíamos incluir o caso de *a gente* que está em gradativa expansão como forma de tratamento equivalente ao pronome reto *nós*, tanto na fala, como na escrita coloquial do português brasileiro e que sequer foi mencionado nas obras referidas acima.

Contudo, as crenças<sup>1</sup> que os falantes têm, com base na variante de prestígio, em relação ao que é “erro” devem ser afastadas quando estamos tratando do ensino de língua estrangeira, pois o que é considerado como “não apropriado” em uma língua a nível gramatical, pode ser considerado como “apropriado” em outra<sup>2</sup>. Por isso no ensino de língua estrangeira, diversamente das aulas de língua materna, a visão dos usos que se fazem da gramática costuma ser um pouco diferente. No ensino do Espanhol como Língua Estrangeira (ELE), por exemplo, a gramática é utilizada como apoio à aprendizagem das normas da língua. É por isso que como estudantes e professores de espanhol devemos recorrer à gramática também para entender os fenômenos que compreendem os usos reais que os falantes de espanhol fazem da língua: o que faz parte do que Morales Pettorino (2008, p.17) denomina *panespañol*, isto é, a língua falada em todas as regiões hispânicas e compreendida por todos os seus falantes.

A título de exemplo, aprendemos nas aulas de ELE que a forma de tratamento familiar ou de confiança em espanhol é *tú* (ou em alguns casos *vos*) e que a forma de respeito, utilizada com pessoas desconhecidas, por exemplo, é *usted*. No entanto, é possível observar que esse emprego não está generalizado em todos países hispânicos (ou pelo menos em parte deles), tal como ocorre na região central da Colômbia, principalmente nos departamentos de Cundinamarca (MONTES GIRALDO, 1985) e Boyacá (ROJAS CÁRDENAS, 2018). Os diferentes valores adotados pelos falantes dessa região para os pronomes de tratamento têm sido alvo de estudos desde as últimas décadas do século passado. Nesses estudos, constata-se que a forma *usted* pode abarcar duas noções distintas: a primeira, a mais generalizada (utilizada nos demais países hispânicos), em que *usted* é a forma de respeito, empregada para demonstrar distanciamento, geralmente, no trato com pessoas desconhecidas; e a segunda, restrita ao emprego dos valores regionais, em que os falantes de espanhol locais costumam utilizá-la como uma forma de tratamento familiar, de confiança ou até mesmo de demonstração de afeto.

Com respeito aos diferentes usos dos pronomes de tratamento nesta área, Lipski (1996, p.237) afirma que *usted* como forma de tratamento familiar e de respeito convive com o antigo pronome *sumercé* — que teve sua origem com a ascensão de uma nova aristocracia

<sup>1</sup> Sistemas de crenças: "no ensino de línguas, ideias e teorias que professores e alunos mantêm sobre si mesmos, sobre o ensino, a linguagem, a aprendizagem e sobre seus alunos." [belief systems: in language teaching, ideas and theories that teachers and learners hold about themselves, teaching, language, learning and their students.] (RICHARDS J.; Schmidt C. (2010, s.v. belief systems, tradução nossa)

<sup>2</sup> Desta forma, por exemplo, no português brasileiro as formas de tratamento informais são *tu* (no estado do Rio Grande do Sul) e *você* (na maior parte do país), enquanto *senhor(a)* são consideradas formas de tratamento formal ou de respeito. Portanto em uma situação de fala em que não conhecemos o interlocutor ou este trata-se de uma pessoa com idade avançada, é apropriado utilizar os termos *senhor(a)*.

espanhola no século XV (CALDERÓN CAMPOS, 2010, p.235) — e que a forma *tú* é apenas aprendida na escola e tem pouca relevância no cotidiano dos habitantes desses departamentos colombianos. No entanto, para Calderón Campos (2010, p.225), o emprego de *usted* não está apenas relacionado com valores de afetividade ou de distanciamento, mas também com uma variação diagenérica<sup>3</sup>. Além disso, autores como Montes Giraldo (1985) e Rojas Cárdenas (2018) validam valores distintos dos que foram apresentados por Lipski (1996) para o uso de *tú*, demonstrando que não há um consenso sobre o assunto.

Nas regiões mencionadas, no trato entre homens de mesma idade e de mesma posição social, por exemplo, o uso de *usted* se apresenta como única forma de tratamento. Todavia, para mulheres nas mesmas circunstâncias, o emprego de *tú* como forma de tratamento de confiança e afetividade é mais frequente, principalmente entre as jovens de alto estrato social, conforme demonstra a pesquisa realizada por Montes Giraldo (1985) na cidade de Bogotá em 1983. Outro aspecto relevante dentro da questão de variação diagenérica, é o fato de homens utilizarem a forma *tú* apenas em situações comunicativas com mulheres.

Em relação a *sumercé*, segundo Rojas Cárdenas (2018), o pronome está presente nas situações comunicativas a nível familiar, bem como a nível comercial, quando se tem a pretensão de ganhar a confiança de um cliente. Entretanto, dentre as três formas de tratamento aqui apresentadas, *sumercé* é a que ocorre com menor frequência, principalmente nos estratos de maior poder aquisitivo, podendo assumir, muitas vezes, valores negativos nesses grupos. Desta forma, é possível admitir que nessas regiões colombianas, existem valores linguísticos distintos para uma mesma forma de tratamento: *usted*. As formas familiares e de confiança no espanhol *cundiboyacense*<sup>4</sup> mais habituais entre homens são *usted/sumercé/tú*, nessa respectiva ordem, enquanto entre mulheres as mais usuais são *tú/sumercé*. Já para as situações comunicativas com desconhecidos, é empregada, tanto por homens, quanto por mulheres a forma de respeito *usted*.

No que concerne à língua espanhola, a Nueva Gramática de la Língua Española: Manual (2010, p. 332-333), doravante NGLEm (2010), organizada pela Real Academia Española (RAE), menciona que a forma *usted* continua sendo, de maneira generalizada, a forma de tratamento utilizada com desconhecidos, apesar de um grande avanço de outras formas mais familiares (como *tú* ou *vos*). Além disso, diferentemente da gramática tradicional brasileira que tende a uma uniformização da língua, a NGLEm (2010) cita outros valores que

<sup>3</sup> Refere-se a variação relacionada ao gênero (feminino/masculino) do falante.

<sup>4</sup> Refere-se ao espanhol falado na região colombiana que compreende os departamentos de Cundinamarca e Boyacá.

*usted* pode manifestar em diferentes países hispânicos (como os apontados anteriormente neste trabalho sobre o espanhol colombiano), evidenciando, assim, que existem distintas variedades da língua espanhola, sem regulamentar normas de bom-tom a serem seguidas pelos falantes da língua em questão.

Considerando a importância da gramática como um conjunto de usos que os falantes nativos e os estudantes de espanhol empregam ao comunicar-se e tendo em vista como pode ser frutífero o estudo desses usos e por que eles são empregados, esta monografia se dispõe a analisar por meio da morfologia verbal da língua espanhola, mais especificamente no que tange ao aspecto verbal e à influência dessa categoria na compreensão do que um falante de espanhol visa dizer ao escolher determinada forma e não outra, a diferença de empregos entre *Pretérito Perfecto Simple* e *Pretérito Perfecto Compuesto*.

## 2 O QUE É GRAMÁTICA?

A fim de que possamos compreender os fenômenos descritos na gramática da língua espanhola, se faz necessário entender, em primeiro lugar, as concepções que o termo *gramática* abrange. Para isso, examinaremos, primeiramente, os diferentes conceitos registrados em alguns dicionários.

Verificamos que as concepções de *gramática* apresentadas pelos dicionários mais conhecidos da língua portuguesa são bastante homogêneas e restritas. Ferreira (2004) oferece para *gramática* as seguintes acepções: "[...] S. f. 1. A arte de falar e de escrever bem em uma língua. 2. E. Ling. Estudo ou tratado que expõe as regras da língua-padrão [...]" (FERREIRA, 2004, s.v. *gramática*). O dicionário Michaelis online veicula a seguinte definição para o termo: "Conjunto de regras e prescrições que estabelecem o conceito de correção da língua escrita e falada" (GRAMÁTICA, 2022). Algo semelhante também está presente em Houaiss e Vilar (2004) "s.f. [...] 1. GRAM conjunto de prescrições e regras que determinam o uso considerado correto da língua escrita e falada" (HOUAISS, A.; VILAR, M. de S., 2008, s.v. *gramática*).

As definições acima apresentadas expressam uma concepção unidimensional do que é gramática, pois igualam *gramática* à variedade da língua que é considerada correta, sem levar em consideração as demais normas, uma vez que tratam de regras de correção para melhor falar e escrever. Além disso, há a interpretação controversa do significado de *gramática* do ponto de vista do ensino linguístico, visto que uma das funções da linguística é analisar a descrição da língua como um todo e não apenas "expor as regras da língua-padrão", como mencionado na segunda definição por Ferreira (2004).

Uma definição mais ampliada do vocábulo encontra-se no *Dicionário de linguística e gramática referente à língua portuguesa* de Mattoso Câmara Jr (1981), em que o autor diverge das concepções apresentadas anteriormente e classifica *gramática* em dois grupos, legitimando, no entanto, apenas uma dessas categorias:

Ao lado desta gramática propriamente dita, chamada descritiva, porque se propõe a fazer a descrição da língua, há a tradicional gramática normativa, apresentação do que estabelece numa língua dada a sua disciplina gramatical; é neste sentido que se diz de alguém que — fala ou escreve sem gramática. (CÂMARA JR, 1981, s.v. *gramática*)

Essa definição corrobora a visão que se tem de uma gramática da língua portuguesa, demonstrando que existem duas perspectivas, uma que abrange a forma como os falantes realmente usam a língua, e outra que impõe uma codificação considerada correta (chamada por Câmara de *disciplina gramatical*<sup>1</sup> e que está contemplada pela gramática normativa). No entanto, essa categorização não corresponde à noção de gramática que se tem na língua espanhola, a qual será tratada na seção seguinte.

Ao consultarmos dicionários de linguística, encontramos alguns conceitos para *gramática*. Segundo Richards (2010), por exemplo, a gramática é

uma descrição da estrutura da língua e a forma na qual as unidades linguísticas, como palavras e frases são combinadas para produzir sentenças na língua. Geralmente leva em conta os significados e as funções que essas sentenças possuem no sistema da língua como um todo. Pode incluir-se a descrição de sons da língua. (RICHARDS J.; SCHMIDT C., 2010, s.v. *grammar*) (tradução nossa)<sup>2</sup>.

Conforme o autor supracitado, o papel desempenhado por uma gramática é o de descrever a língua, considerando os seus significados e suas funções em relação ao sistema linguístico. A possibilidade de prescrição, demonstrada por outras definições presentes neste trabalho, sequer é mencionada na definição extraída de RICHARDS J. e SCHMIDT C. (2010, s.v. *grammar*).

Diversamente, Bussmann (2006) apresenta duas visões para *gramática*, dividindo-a em normativa e descritiva, assim como Câmara Jr. (1981), contudo sem acrescentar juízos de valor. A autora indica que:

De acordo com as premissas metodológicas, pode-se distinguir entre gramáticas descritivas que explicam objetivamente propriedades sincronicamente observadas de

<sup>1</sup> De acordo com Mattoso Câmara Jr, disciplina gramatical é um “conjunto de prescrições que se estabelecem para impor uma norma linguística no uso falado e escrito. Veiculam-na o ensino escolar e a atividade dos gramáticos.” (CÂMARA JR., 1981, s.v. disciplina gramatical).

<sup>2</sup> [a description of the structure of a language and the way in which linguistic units such as words and phrases are combined to produce sentences in the language. It usually takes into account the meanings and functions these sentences have in the overall system of the language. It may or may not include the description of the sounds of a language (...)]

uma língua e gramáticas normativas. As últimas procuram ensinar uma linguagem ‘própria’ ou padronizada (BUSSMANN, 2006, s.v *grammar*, tradução nossa)<sup>3</sup>.

Pode-se observar que grande parte das concepções de gramática apresentadas nesta seção, ou tratam de *gramática* como regras que devem ser seguidas para obter uma variedade falada e escrita da língua considerada correta, ou como um sistema que descreve as propriedades de uma língua. Para tentar elucidar essas divergências, buscamos na obra de Coseriu (1979) luzes que pudessem auxiliar-nos a esclarecer essas questões.

Para Coseriu (1979), não é possível descrever uma língua histórica como um todo, pois cada língua é composta por um conjunto de sistemas constituído por dialetos, dialetos sociais e *estilos de língua*. Cada sistema não pode ser considerado homogêneo, visto que dentro de um dialeto existem variações de dialetos sociais (ou socioletos) e de *estilos de língua*, por exemplo. O que se pode descrever em uma língua histórica é o que o autor chama de *técnica sincrônica do discurso*. As técnicas são um conjunto de saberes sobre a língua e de uma ou mais normas da língua, assim sendo, é a modificação e a combinação dos elementos da língua que compõem a técnica.

A técnica, apesar de ser sincrônica, contém tradições linguísticas históricas. Contudo, ela não é homogênea, pois toda língua histórica (como o português ou o espanhol) possui variedades internas. Existem algumas diferenças que podem gerar essas variedades. Coseriu (1979, p.110) destacou três das mais relevantes: as diferenças diatópicas, diafásicas e diastráticas. A variação diatópica ocorre devido à localização geográfica dos falantes de uma língua, a diafásica representa os modos de falar de diferentes estratos sociais e, por fim, a diastrática trata da variação estilística, ou seja, dos diferentes níveis ou registros de uma língua. A primeira evidencia-se com mais frequência, a segunda é mais evidente em sociedades em que há maior contraste entre as classes sociais e a terceira e última se refere aos modos de falar formais ou populares, familiar ou público, etc. Cada uma dessas variações se opõe a uma unidade uniforme e aparentemente pouco variável da língua<sup>4</sup>. A dimensão diatópica se opõe internamente também, assim como ocorre com as demais dimensões da língua.

Podemos verificar no português brasileiro casos de variação diatópica pela escolha de certas formas de tratamento, por exemplo. No estado do Rio Grande do Sul, é predominante o

<sup>3</sup> [(...) According to methodological premises, one can distinguish between descriptive grammars which objectively elucidate synchronically observed properties of a language and normative grammars. The latter seek to teach ‘proper’ or standardized language (...)]

<sup>4</sup> A uniformidade e a invariabilidade dessa modalidade de língua, a norma ideal, obedece ao desejo e à necessidade de uma comunidade quando procura orientação; no entanto, para que a orientação seja realmente efetiva, é preciso que em momentos posteriores volte-se a estabelecer uma nova modalidade uniforme e invariável que sirva de orientação aos falantes nesse momento posterior da língua.

emprego de *tu* em situações comunicativas em que o interlocutor é um amigo ou um familiar, enquanto, na maior parte do país, existe a preferência pela forma *você*. Em relação à variação diafásica, há uma alternância quanto a presença ou não do *-s* final nas formas verbais conjugadas na primeira pessoa do plural. É comum a omissão do *-s* final em, por exemplo, [fi.'ze.mu], ao invés de [fi.'ze.mus], ou em [zo.'ga.mu], em lugar de [zo.'ga.mus]<sup>5</sup>, nas classes sociais mais baixas em oposição à presença do *-s* final em estratos sociais mais altos.

Por fim, a variação diastrática refere-se aos níveis de formalidade e informalidade da língua, podendo ocorrer dentro de um mesmo dialeto e/ou socioleto. A título de exemplo, retomaremos o caso da forma de tratamento *tu*. Como já mencionado anteriormente, a forma *tu* apresenta um caráter informal, empregada, geralmente, em situações comunicativas em que se tem certa intimidade com o interlocutor. Nesses casos, é comum na fala popular o uso da forma *tu* com a conjugação verbal de terceira pessoa do singular – ao menos na cidade de Porto Alegre. No entanto, quando *tu* é empregada com a sua conjugação verbal original, ou seja, na segunda pessoa do singular, eleva-se a situação comunicativa a um dado nível de formalidade. Normalmente, a forma *tu* junto com a conjugação de segunda pessoa do singular é usada em contextos em que não se tem intimidade com o interlocutor.

Em vista disso, pode-se dizer que uma língua é realizada por meio de variedades diatópicas, diafásicas e diastráticas, dentre outras. Por conseguinte, não é possível falar uma língua como um todo. Os falantes não conseguem falar toda uma língua ao mesmo tempo, porém cada falante tem o conhecimento de uma ou mais normas da língua. Uma (ou algumas) delas de forma ativa, isto é, normas que esse falante utiliza no seu cotidiano, outras de forma passiva, dado que está em contato com outras variedades do mesmo idioma, seja por interação com falantes de variantes diferentes da sua, seja pelo contato através de meios de comunicação, etc. O que verdadeiramente é realizado na comunicação é o que Coseriu (1979, p.113) denomina *língua funcional*, isto é, um dado dialeto, em um determinado socioleto, utilizando somente um *estilo de língua*. A língua funcional efetiva-se por meio de técnicas linguísticas, que se subdividem em técnica realizada e técnicas virtuais. A técnica realizada é o *falar concreto*, isto é, a fala verdadeiramente efetuada, já as técnicas virtuais compreendem as normas, os sistemas da língua e o tipo linguístico<sup>6</sup>.

<sup>5</sup> Transcrição realizada de acordo com o Alfabeto Fonético Internacional (IPA), disponibilizado pela International Phonetic Association em: <https://www.internationalphoneticassociation.org/content/full-ipa-chart>. Acesso em 10 abr 2022.

<sup>6</sup> Para Coseriu (1979, p.123) “a norma abrange fatos linguísticos efetivamente realizados e existentes na tradição, ao passo que o sistema é uma técnica aberta que abrange virtualmente também os fatos ainda não realizados, mas possíveis de acordo com as mesmas oposições distintivas e as regras de combinação que governam o seu uso”. Já o tipo linguístico é uma categoria mais ampla que engloba os sistemas e as normas, compreendendo



É possível, entretanto, que em um discurso operem mais de uma *língua funcional*. Se os falantes de uma língua têm conhecimentos, ativo e/ou passivo, de mais de uma variedade diatópica, diafásica e diastrática da língua, como menciona Coseriu (1979, p.116), então, pode-se dizer que uma gramática que apresenta somente a variedade linguística considerada correta para a sociedade em que está inserida não representa completamente os seus falantes, nem a forma de expressar-se utilizada por eles. Já que

Uma descrição “funcional-integral” — seja na linguística científica como na glotodidática<sup>7</sup> — deverá de qualquer maneira tratar de conciliar a exigência da homogeneidade do objeto da descrição estrutural com a exigência de corresponder a um saber idiomático real. (COSERIU, 1979, p.117).

O autor reflete que para executar esse tipo de descrição é necessário definir primeiro a “língua funcional que tiver maior difusão” (COSERIU, 1979, p. 117) dentro de uma língua histórica e depois demonstrar o que ele chama de “desvios”, que são os conhecimentos que os falantes tem das distintas variedades da língua. No caso do espanhol, o que se propõe na NGLEm (2010) é uma descrição do que se conhece por *panespañol*, complementada, por vezes, por elementos diversos a esta “forma de língua comum” (COSERIU, 1979, p. 117), porém significativos dentro de outros dialetos, socioletos ou diferentes *estilos de língua*.

A partir dos conceitos demonstrados por Coseriu (1979), presentes neste trabalho, a visão da gramática apenas como fonte de correção para a fala e para escrita parece ser um tanto limitada, visto que não inclui as diferentes normas de uma língua. Deste modo, se faz necessário desenvolver uma perspectiva mais ampla a respeito da função da gramática, que leve em consideração os diversos dialetos, socioletos e *estilos de língua*, além de suas variações. É evidente que, distintas situações comunicativas requerem certos níveis e estilos de fala ou de escrita, pois cada um deles será adequado ou inadequado diante de determinados contextos. Entretanto, é preciso compreender que há fenômenos que levam consigo a noção de erro gramatical em uma língua comum — como o *panespañol* —, porém, em outras normas de uma mesma língua histórica podem ser considerados adequados. Bem como, fenômenos considerados “corretos” na língua comum podem ser inadequados em outras normas.

## 2.1 O QUE É GRAMÁTICA EM RELAÇÃO À LÍNGUA ESTRANGEIRA?

---

“os princípios funcionais e as categorias técnicas da língua: os tipos de procedimentos e de funções, as categorias de distinções, oposições e estruturas que caracterizam essa língua.” (COSERIU, 1979, p.125). Assim como um sistema pode conter mais de uma norma, um tipo linguístico também pode conter mais de um sistema.

<sup>7</sup> É o termo proveniente do italiano para a ciência que estuda a origem e o desenvolvimento da linguagem. Pode ser considerada como sinônimo de Educação Linguística.

No que diz respeito ao ensino de língua estrangeira, mais propriamente ao ensino de ELE, a concepção monolítica que, geralmente, se tem da gramática da língua portuguesa, isto é, a visão da língua do ponto de vista da correção e da incorreção, transpassa para a língua estrangeira (LE). Contudo, essa noção não é a mais adequada, tendo em vista que para um eficiente ensino e aprendizagem de LE, é preciso analisar os fenômenos da língua, a fim de que estes sejam significativos para os estudantes ao longo de sua educação.

Em comparação ao que foi visto até o momento, no que se refere ao que é considerado *gramática*, encontramos certas divergências enquanto a concepção do termo em alguns dicionários da Língua Espanhola. O *Señas: diccionario para la enseñanza de la Lengua Española para brasileños* traz três definições para o termo, e apenas duas referentes ao uso da língua: “1. f. Disciplina lingüística ou obra que ensina a falar e escrever \*corretamente<sup>8</sup> uma língua. (...) 2. Disciplina lingüística ou obra que estuda a forma e o significado dos elementos de uma língua e suas combinações.” (SEÑAS, 2013, s.v *gramática*, tradução nossa)<sup>9</sup>. O dicionário online da *Real Academia Española* (RAE) apresenta dentre algumas das suas definições: “7. f. Ling. Representación de la competencia lingüística de los hablantes, especialmente no que se refere à morfologia, à sintaxe e a certos aspectos do léxico.” (GRAMÁTICA, 2022, tradução nossa)<sup>10</sup>.

A acepção 2 (SEÑAS, 2013, s.v *gramática*) e a acepção 7 do dicionário online da RAE correspondem à concepção de gramática como ferramenta, utilizada como um meio para aprender a usar a língua. Essa é a noção de gramática que se deveria transpor para as aulas de LE, a fim de que o ensino e a aprendizagem sejam realmente relevantes para o estudante frente às possíveis situações comunicativas que poderá deparar-se na língua que se estuda.

Outrossim, há a ausência de uma percepção integral de uma língua como diassistema, isto é, a falta da percepção de uma língua composta por mais de um sistema (constituído por mais de uma norma), os quais juntos possuem elementos comuns capazes de serem reconhecidos como uma única língua histórica. É dentro de cada um desses sistemas que se formaram – e ainda se formam – fenômenos que merecem destaque no ensino de LE. Dentre os fenômenos que se fazem importante salientar nas aulas de ELE, estão o emprego dos

<sup>8</sup> Conforme o dicionário SEÑAS, a palavra marcada com um asterisco “trata-se de formas que pertencem a linguagens específicas, que não são muito frequentes ou que não são especialmente produtivas na redação lexicográfica.” (SEÑAS, 2013, p.15)

<sup>9</sup> [1.f. Disciplina lingüística u obra que enseña a hablar y escribir \*correctamente una lengua (...) 2. Disciplina lingüística u obra que estudia la forma y el significado de los elementos de una lengua y sus combinaciones. (...)] (SEÑAS, 2013, s.v. *gramática*)

<sup>10</sup> [(...) 7. f. Ling. Representación de la competencia lingüística de los hablantes, especialmente en lo relativo a la morfología, la sintaxis y ciertos aspectos del léxico. (...)] (GRAMÁTICA, 2022)

pretéritos *Perfecto Simple* e *Perfecto Compuesto* nas diferentes normas da Língua Espanhola em contraste com o *panespañol*.

### 3 A OPOSIÇÃO *PRETÉRITO PERFECTO SIMPLE* E *PRETÉRITO PERFECTO COMPUESTO*

O uso das formas perfeitas do pretérito da língua espanhola se organiza em simples e composto. Em grande parte do território hispânico, o *pretérito perfecto compuesto* é interpretado como um tempo pretérito que tem início em um momento indefinido do passado, mas que se relaciona com o momento da enunciação (RAE, 2010, §23.4.1a). Conforme o exemplo a seguir, extraído de um jornal venezuelano, percebe-se que a forma destacada relaciona-se, tanto com os fatos ocorridos anteriormente, como com o momento em que se escreve a notícia:

Al menos 69 personas fueron asesinadas en la ciudad de Caracas entre los meses de enero y febrero del año 2022 de acuerdo a datos registrados por el Monitor de Víctimas, período en el que además se detectó un incremento en atracos en todo el país. (...) Por otra parte fuentes policiales y analistas de delito *han reportado* el incremento en delitos como el robo (...). (El Universal, 10 abr 2022, grifo nosso)<sup>1</sup>.

Por outro lado, o *pretérito perfecto simple* está, na língua comum, vinculado a orações que expressam situações acabadas (RAE, 2010, §23.5.1a). Muitas vezes, esta forma pretérita vem acompanhada de adjuntos adverbiais que determinam pontos específicos em um tempo passado (RAE, 2010, §23.5.1c), como em “Décadas de campañas llevadas a cabo por los pueblos indígenas *condujeron* al retorno de los restos al sitio del Parque Nacional de Mungo en 2017”. (EMOL, 7abr 2022, grifo nosso)<sup>2</sup>. Se do exemplo anterior fosse retirada a referência ao tempo passado, a sentença poderia, naturalmente, ser escrita, utilizando o *pretérito perfecto compuesto* em lugar do *pretérito perfecto simple* — conforme a orientação da língua comum. Esta alteração não só manteria a relação do verbo com o momento da enunciação, como também acrescentaria uma ideia de continuidade da ação verbal.

Conforme a NGLEm (2010, §23.4.1<sup>a</sup> - §23.4.2g), os *pretéritos perfectos compuesto* e *simple* podem ser classificados da seguinte forma:

<sup>1</sup> [Ao menos 69 pessoas foram assassinadas na cidade de Caracas entre os meses de janeiro e fevereiro do ano de 2022 de acordo com as informações registradas pelo Monitor de Víctimas, período em que também se detectou um aumento dos assaltos em todo o país. (...) Por outro lado, fontes policiais e de analistas de crimes têm notificado o aumento de delitos como o roubo (...)] (tradução nossa)

<sup>2</sup> [Décadas de campanhas realizadas pelos povos indígenas levaram ao retorno dos restos [s.c humanos] ao parque Nacional de Mungo em 2017] (tradução nossa)

Esquema 1 - Classificação dos pretéritos perfeitos da língua espanhola



Fonte: Elaboração própria.

De um lado, há o *pretérito perfecto simple*, que se classifica em relação à interpretação de uma situação comunicativa, podendo esta indicar o momento de início da ação, como em “*Vimos la película a las diez*” (RAE, 2010, §23.5.1c)<sup>4</sup> ou ser empregada para fazer referência às situações que ainda não aconteceram, mas que estão prestes a acontecer, como na sentença “*hasta mañana lo agarraron, no conseguirá escapar*”. De outro lado, há o *pretérito perfecto compuesto* que também pode ser classificado em relação à interpretação de uma situação comunicativa. No entanto, as categorias que o classificam são diversas.

A primeira categoria refere-se ao paradigma do *pretérito perfecto compuesto* da língua comum, mencionado no primeiro parágrafo desta seção. Essa interpretação ocorre, principalmente, no espanhol americano da Costa do Peru, na região andina da Bolívia e da Colômbia e nas regiões noroeste e central da Argentina (RAE, 2010, §23.4.1b). Verifica-se também em algumas partes de Cuba e outras regiões antilhanas. Divergentemente da classificação anterior, a interpretação *perfectiva* se caracteriza por apresentar os significados que são, geralmente, expressos pelo *pretérito perfecto simple* na língua comum (RAE, 2010, §23.4.1b). Essa variedade é representativa do espanhol boliviano: “*En síntesis, se ha hecho la limpieza (2021), han participado y después no se han implementados políticas públicas de parte de la Alcaldía ni de la Gobernación para evitar que la contaminación regrese al Uru*

<sup>3</sup> Para os termos aos quais não foi encontrado um bom equivalente em português, utilizamos os originais, grafados em itálico.

<sup>4</sup> [Vimos o filme às dez horas] (tradução nossa)

Uru” (LA RAZÓN, 9 abr 2022, grifo nosso)<sup>5</sup>. Contudo é possível encontrá-la em outras variedades da língua espanhola (RAE, 2010, §23.4.1b).

Já a interpretação de aspecto contínuo refere-se a uma situação ocorrida no passado que se estende até o presente, mas que segue em aberto. No espanhol americano é possível encontrar essa interpretação na região das Antilhas, nos Andes boliviano e peruano, no noroeste da Argentina, no México e na América central: “en lo que va de la administración de Andrés Manuel López Obrador 19 mil 445 niñas, niños y adolescentes *han sido* reportados como desaparecidos, y de éstos 5 mil 102 continúan sin ser localizados” (LA JORNADA, 18 abr 2022, grifo nosso)<sup>6</sup>. Entretanto, no Chile e em grande parte da Argentina (com exceção das regiões central e noroeste), a forma simples substitui a forma composta ao falar de ações verbais que seguem em aberto no presente (RAE, 2010, §24.4.2f- 24.4.2g).

A interpretação *prospectiva* refere-se a ações que podem acontecer em um futuro imediato: “Mañana a estas horas, ya *han terminado* ustedes” (RAE, 2010, §23.4.2b)<sup>7</sup>. Conforme a NGLEm (2010, §24.4.2a), quando esse fenômeno ocorre em orações condicionais e restritivas, pode haver alternância com o tempo presente. Na interpretação existencial pode-se supor, a partir da ação verbal, que o sujeito daquela oração segue existindo: “Luis *ha estado* en Lima” (RAE, 2010, §24.4.2c, grifo nosso)<sup>8</sup>. No entanto, essa pressuposição pode perder esse caráter quando, no enunciado, são manifestas características que se referem ao passado do sujeito: “Iglesias manifestó que Carlos Gardel *ha sido* el mejor intérprete de Tangos” (Universal, 15 abr 1997 *apud* RAE, 2010, §24.4.2c, grifo nosso)<sup>9</sup>.

A interpretação de experiência pode aludir a ações que ocorreram mais de uma vez em um determinado período de tempo, ou que o número de vezes não pode ser expressado: “*He hablado* con él tres veces” (RAE, 2010, §24.4.2d)<sup>10</sup>. Além disso, pode indicar também que o período de tempo da ação coincide, por exemplo, com o tempo de toda uma vida: “Pocas veces te *has sentido* más feliz” (FUENTES, A. *apud* RAE, 2010, §24.4.2e)<sup>11</sup>.

A interpretação de passado imediato representa ações que ocorrem em um período de tempo que inclui o momento da enunciação, podendo ser o dia, a semana, o mês, o ano, etc.

<sup>5</sup> [Em resumo, *foi feita* a limpeza (2021), [*sic?*] *participaram* e depois *não foram implementadas* políticas públicas da parte da prefeitura, nem do governo federal para evitar que a contaminação retornasse ao Uru Uru] (tradução nossa)

<sup>6</sup> [até o momento, na administração de Andrés Manuel López Obrador, 19.445 crianças e adolescentes *foram notificados* como desaparecidos, e destas, 5.102 continuam sem ser localizadas] (tradução nossa)

<sup>7</sup> [Amanhã a esta hora, vocês já *terminaram*] (tradução nossa)

<sup>8</sup> [Luís *esteve* em Lima] (tradução nossa)

<sup>9</sup> [Iglesias comentou que Carlos Gardel *foi* o melhor intérprete de Tangos] (tradução nossa)

<sup>10</sup> [*Falei* com ele três vezes] (tradução nossa)

<sup>11</sup> [Pocas veces te *sentiste* mais feliz] (tradução nossa)

no qual se produz o ato de fala. Contudo, dificilmente é empregado para fazer referência ao dia, à semana, ao mês ou ao ano anterior: “Lo *he visto* hace un momento” (RAE, 2010, §23.4.3a)<sup>12</sup>. Essa interpretação está presente nas normas da costa peruana, do México, de grande parte da América Central e da área rio-platense, onde, com exceção da costa peruana, o *pretérito perfecto compuesto* de passado imediato é interpretado como fatos de experiência (RAE, 2010, §24.4.2d).

A interpretação de notícias recentes descreve a progressão de acontecimentos que ocorreram em sequência, sendo, geralmente, seguido de verbos no *pretérito perfecto simple*, como em “(...) Países europeos *han presentado* cuarta, quinta y sexta ola, en el caso de Alemania, y *tuvieron* que adoptar medidas de precaución, como el caso del uso de la mascarilla” (PERÚ21, 10 abr 2022, grifo nosso)<sup>13</sup>. Essa categoria é bastante comum na escrita jornalística (RAE, 2010, §24.4.3b). Por último, a interpretação do *pretérito perfecto compuesto* de fatos constatados que descreve um resultado decorrente do processo da ação verbal. Em “Me *han decepcionado* ustedes” (RAE, 2010, §24.4.3c)<sup>14</sup>, se obtém como resultado da ação verbal “estou decepcionado”.

Ainda segundo a NGLEm (2010, §23.5.2a), em relação à oposição de ambos *pretéritos perfectos*, a forma simples é considerada absoluta, uma vez que não possui vínculo com o momento da enunciação, enquanto a forma composta é concebida como relativa. Do ponto de vista de Alarcos Llorach (2000, §231), o que diferencia as duas formas pretéritas é a relação que possuem com o tempo passado; por isso, pode-se dizer que o *pretérito perfecto compuesto* apresenta um morfema que se relaciona com o que é anterior ao ato de fala, enquanto o *pretérito perfecto simple* não possui esse morfema, visto que este refere-se a fatos ocorridos no passado sem relação com o ato de fala. Para o autor: “Não se trata, pois, que os fatos comunicados sejam mais ou menos próximos do ato de fala, mas sim, que o falante os insira, explícita ou implicitamente, em um período comum ou distante desse momento.” (ALARCOS LLORACH, 2000, §231, tradução nossa)<sup>15</sup>.

Os estudos realizados por Berschin (1975), Miranda (1981) e Moreno de Alba (1972) sobre o emprego das formas verbais em Bogotá, Santiago do Chile e México, respectivamente, em comparação com a norma peninsular espanhola respaldam a posição de Alarcos Llorach (2000, §231). Ainda de acordo com esses trabalhos, há um predomínio da

<sup>12</sup> [O *vi* faz um instante] (tradução nossa)

<sup>13</sup> [(...) Países europeos *têm apresentado* quarta, quinta e sexta onda, no caso da Alemanha, e *tiveram* que adotar medidas de precaução, como o caso do uso da máscara] (tradução nossa)

<sup>14</sup> [Vocês me *decepcionaram*] (tradução nossa)

<sup>15</sup> No se trata, pues, de que los hechos comunicados sean más o menos próximos al acto de habla, sino de que, explícita o implícitamente, el hablante los inserte en un periodo común o ajeno a ese momento.

forma simples do *pretérito perfecto* sobre a forma composta. O resultado desses estudos, baseados em dados empíricos, reflete, em parte, os usos presentes nas normas que se estendem em grande parte da América hispânica. Tanto a pesquisa realizada por Moreno de Alba (1972) no México, como a de Miranda (1981) na capital chilena, levam em consideração a fala de “informantes cultos”<sup>16</sup>. O trabalho de Moreno de Alba (1972) compara ainda os resultados encontrados no México com um estudo semelhante realizado anteriormente na Espanha.

De mesmo modo, o trabalho realizado por Berschin contrapõe os empregos das formas pretéritas em Bogotá e em Madri. Esse estudo tem como base um ensaio escrito por Alarcos Llorach em 1947. Na pesquisa de Berschin, foram realizadas entrevistas que continham pequenos diálogos com lacunas, às quais os participantes deveriam completar com formas verbais. A partir da análise do emprego das formas simples e compostas dos *pretéritos perfectos* sobre algumas características, como a relação das formas verbais com o tempo passado, com a atualidade e com o adjunto adverbial *hasta ahora*, obteve-se como resultado que a forma composta aparece somente (ainda que em menor escala) quando a ação verbal ocorre em um dado período que inclui o momento da enunciação no espanhol bogotano. Diferentemente, em Madri o *pretérito perfecto compuesto* emprega-se em duas situações: quando a ação verbal é anterior ao ato de fala, mas mantém relação com este; ou quando a ação verbal ocorre no mesmo momento da enunciação.

Lipski (1996) organiza os fenômenos da língua espanhola em vista das suas ocorrências nos países americanos. Conforme o autor, na Argentina, por exemplo, verifica-se com maior frequência o emprego do *pretérito perfecto simple* em lugar do *compuesto* em ações que mantêm continuidade com o presente. O linguista ainda pontua que, de modo oposto, no Peru é usual a forma composta em substituição a simples, para fazer referência a fatos terminados no passado, inclusive com elementos que aludem a um tempo pretérito, como no trecho retirado do jornal El País (18 feb 2022, grifo nosso): “el presidente de Repsol en el país andino, Jaime Fernández-Cuesta, *se ha referido* a la citada cifra de 65 millones de dólares como 'la mejor estimación' que hay disponible (...)”<sup>17</sup>.

Trabalhos mais recentes, como o de Aleza Izquierdo (2010) abordam diferentes fenômenos que atingem a morfologia verbal da língua espanhola, entre eles o emprego dos *pretéritos perfecto simple e compuesto*. No que diz respeito a esse tema, a autora aponta que

<sup>16</sup> Conforme Moreno de Alba, “informantes cultos” são profissionais que têm o costume de ler e que “pertenecen a una classe sociocultural elevada” p.177

<sup>17</sup> [(...) o presidente de Repsol, no país andino, Jaime Fernández-Cuesta, fez alusão a cifra de 65 milhões de dólares como 'a melhor estimativa' que está disponível (...)] (tradução nossa)

há uma tendência à neutralização, isto é, o uso de apenas uma das formas para remeter ao pretérito, seja em ações concluídas no passado, seja em ações que mantêm vínculo com o tempo presente ou com o ato de fala. Segundo a filóloga, nos países americanos de língua espanhola constata-se o predomínio do *pretérito perfecto simple* sobre o *compuesto*. Isso ocorre, principalmente, em países, como Uruguai, Argentina e Chile.

### 3.1 DIFERENTES VALORES ATRIBUÍDOS AOS PRETÉRITOS PERFEITOS NO ESPANHOL

Para Moreno de Alba (1972), há, de um lado, o *pretérito perfecto simple*<sup>18</sup>, que se refere a ações pontuais e perfeitas e, de outro, o *pretérito perfecto compuesto*<sup>19</sup> que possui aspecto *durativo* e reiterativo<sup>20</sup>. Além disso, o autor menciona dois valores para a forma composta: o valor temporal e o valor aspectual. O valor temporal de passado próximo remete a forma composta no espanhol peninsular, enquanto no México o valor temporal de passado próximo corresponde a forma simples. No que tange ao valor aspectual, pode-se dizer que o *pretérito perfecto compuesto* evidencia a noção de perfectivo no México.

Conforme Aleza Izquierdo (2010), em zonas de contato com línguas indígenas (como o quéchua, por exemplo), é mais frequente o uso do *pretérito perfecto compuesto* para tratar de situações pontuais que aconteceram no passado, como sucede na Bolívia, em algumas regiões do Peru e noroeste argentino. No Equador, não obstante, existe uma distinção de registro entre as formas simples e composta por influência do quéchua: a forma simples do *pretérito perfecto* indica que um evento foi experimentado diretamente pelo falante, enquanto a forma composta expressa uma experiência realizada por uma terceira pessoa.

Para a autora, de maneira geral, ambas as formas convivem em um mesmo território, todavia o emprego de uma delas verifica-se com mais frequência em relação a outra. No entanto, apesar do predomínio do *pretérito perfecto simple* em alguns países como Porto Rico, México, Colômbia, Venezuela e algumas regiões da América Central, as diferenças que os falantes fazem de uma forma e de outra acerca-se mais a características aspectuais, que a características temporais.

<sup>18</sup> O autor usa o termo *Pretérito* para referir-se ao *Pretérito Perfecto Simple*. Essa nomenclatura foi empregada por primeira vez por Andrés Bello no século XIX.

<sup>19</sup> Aqui Moreno de Alba (1972) refere-se ao *pretérito perfecto compuesto* como *antepresente*. O termo também foi originalmente empregado por Bello ao redatar a *Gramática de la lengua castellana destinada al uso de los americanos* (1847).

<sup>20</sup> Alarcos Llorach (2000, §225) trata das diferenças aspectuais do espanhol ao contrastar formas *puntuais* ou *perfeitas*, isto é, formas verbais que demonstram conclusão, com formas *imperfectivas* ou *durativas*, ou seja, que não apresentam conclusão. Quanto ao aspecto *reiterativo*, trata-se de ações verbais que se repetem ao longo de um intervalo de tempo.



### 3.2 AS DIVERGÊNCIAS DE EMPREGOS DOS PRETÉRITOS PERFEITOS DO ESPANHOL E O ENSINO DE ELE

Em muitos países da América hispânica, a forma simples admite empregos que seriam características da forma composta (RAE, 2010, §23.5.2b). Alarcos Llorach (2000, §231) destaca que, na fala coloquial, é frequente, quase exclusivamente, o emprego do *pretérito perfecto simple* tanto na América espanhola (exceto na região andina da Argentina), como também na Espanha (salvo Madri). Portanto, com base nas investigações apresentadas nos sub-capítulos anteriores, pode-se concluir que, apesar de que ambos pretéritos façam parte das normas da língua espanhola, o *pretérito perfecto compuesto* é pouco frequente na fala e na escrita dos falantes nativos de espanhol na América (MORENO DE ALBA, 1972) — ao menos nos países mencionados nos estudos investigados.

Em vista dessa diversidade de empregos das formas de *pretérito perfecto* e da divergência que há, principalmente na fala coloquial, entre a norma do *panesañol* e as demais normas da língua espanhola, em especial as da América hispânica, cabe questionar aqui o que se deve ensinar nas aulas de ELE e qual a relevância desses fenômenos no ensino e aprendizagem da língua espanhola. Para isso, vamos reflexionar sobre o que os falantes querem dizer quando usam determinada forma do *pretérito perfecto*.

#### 4 O QUE OS FALANTES DE ESPANHOL QUEREM DIZER COM O QUE DIZEM

Diante da amplitude de empregos das formas do pretérito perfeito da língua espanhola, nos perguntamos qual deles devemos ensinar nas aulas de ELE. Para responder a esse questionamento, algumas variáveis devem ser consideradas, como os objetivos dos aprendizes da LE e a relevância que os falantes nativos de espanhol atribuem a esses fenômenos no seu uso cotidiano. Do ponto de vista do aprendiz de ELE, há a necessidade de determinar qual a finalidade do estudo da LE. Se um estudante procura aulas de espanhol para desenvolver habilidades direcionadas ao estudo formal ou ao trabalho, então, entende-se que seria mais adequado um ensino que diferenciasses ambas as formas do pretérito perfeito, tal como ocorre na língua comum ou *panespañol*.

Embora as distinções entre ambos pretéritos perfeitos do espanhol ocorram em regiões específicas, ou seja, sucedem em determinadas variedades diatópicas, há uma maior relevância para o uso dessas formas verbais em relação às dimensões diastráticas e diafásicas. No segundo capítulo, por meio da obra de Coseriu (1979), verificamos que a realização da língua funcional só é possível em um certo dialeto, em um socioleto, utilizando um estilo de

língua. Em outras palavras, conforme a análise dos pretéritos perfeitos do espanhol, a língua efetua-se por meio do uso dessas formas verbais que representam as maneiras de expressar-se de um certo grupo de pessoas em uma região específica. Portanto, pode haver uma atribuição de valores distintos para uma mesma forma verbal em diferentes dialetos ou socioletos.

Dentro desses grupos, da perspectiva de falantes nativos, existe o entendimento de que os interlocutores compreenderão o que o se quer expressar, já que esse tipo de construção é frequente nessa norma linguística, ainda que não seja recorrente ou, até mesmo, que não seja adequada em outras normas, inclusive na língua comum, pois, os falantes de uma mesma norma possuem um conjunto de conhecimentos tácitos sobre certas formas da língua e sobre como elas são empregadas. Desse modo, não se trata de como as formas verbais são definidas em princípio, mas sim, de como os falantes as inserem em determinadas situações comunicativas e os valores que a elas atribuem.

Ao longo da pesquisa realizada para a elaboração desta monografia, com o apoio de gramáticas, em especial do espanhol, observamos que alguns fenômenos da língua, como os tempos verbais, possuem uma relação mais próxima com o aspecto do que com o tempo, isto é, com o modo como se quer expressar a ação verbal, do que, propriamente, com as noções de presente, passado e futuro. No que se refere ao aspecto verbal, não cabe a este trabalho elucidar sobre o quanto essa categoria influência nos fenômenos da língua espanhola.

Contudo, podemos analisar a correlação entre aspecto e tempo verbal. Para Rojo (1999), tempo e aspecto são categorias distintas, porém que estão fortemente relacionadas. Segundo o autor, as concepções que se tem de passado, presente e futuro são inadequadas e insuficientes, pois apresentam uma ideia de tempo real que se confunde com a noção de tempo do discurso, uma vez que a temporalidade linguística expressa a orientação – que a noção de tempo extralinguístico não é capaz de veicular – de uma situação em relação a sua origem e a outro ponto, que está, de alguma forma, relacionado ao ponto inicial. Conforme Rojo (1999, p.26), só é possível falar em tempo, do ponto de vista linguístico, em relação à anterioridade, à simultaneidade e à posterioridade de uma situação comunicativa.

No que concerne ao aspecto, o autor supracitado o entende como uma categoria que não faz referência a acontecimentos no eixo temporal, mas sim a eventos internos à situação comunicativa. O linguista define como categorias aspectuais as oposições *perfectivo* e *imperfectivo*, além das que se referem a situações terminadas ou não. Para Rojo (1999, p.33), o caráter *pontual* e o caráter *durativo* representam questões de temporalidade e não de aspecto. Em espanhol, por exemplo, todas as formas verbais que apresentam anterioridade em relação a situação de fala, podem ser consideradas *perfectivas* (ROJO, 1999, p.36),

consequentemente, o *pretérito perfecto compuesto* é, uma forma *perfectiva*. Todavia, conforme o autor, a categoria aspectual não é funcional em tempos simples, assim, não se aplica ao *pretérito perfecto simple*.

Veiga (2015) também trata em seu artigo sobre a distinção entre ambos pretéritos perfeitos da língua espanhola, mediante uma compilação de estudos sobre o tema (como o artigo de mesmo ano de Montero Cádiz sobre a variedade cubana). Primeiramente, o autor menciona que há dois empregos para as formas do *pretérito perfecto*: uma que faz oposição entre *simple* e *compuesto*, utilizada com mais frequência na variedade espanhola da língua, mas também em regiões caribenhas e centro-americanas; outra que neutraliza ambas as formas por meio do emprego da forma simples, reconhecida em grande parte dos países hispano-americanos. Em segundo lugar, Veiga (2015) alude à crescente metodologia de ensino de ELE praticado em países hispano-americanos, que emprega as formas ditas peninsulares<sup>1</sup> nas aulas de LE, devido à utilização de livros didáticos de origem espanhola, o que, segundo o autor, suscita crenças de que a norma peninsular é mais adequada do que a norma que se usa nos países americanos de língua espanhola.

Independentemente da forma de pretérito perfeito do espanhol que será ensinada, entende-se que nenhum dos usos mencionados nesse capítulo e nos anteriores é considerado como mais "correto" que os demais, mas sim que existem situações comunicativas e socioculturais que poderão exigir o conhecimento de outros empregos diferentes da norma comum da língua. Além disso, constata-se que o uso de certas formas verbais realizadas pelos falantes refletem seus modos de manifestar-se e, não só, as relações que essas formas podem ou não manter com o tempo presente.

---

<sup>1</sup> As variedades peninsulares referem-se às normas do espanhol europeu.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente monografia demonstra que as noções que são geralmente aportadas pela gramática da língua materna não devem ser transpostas ao ensino de língua estrangeira, principalmente no que se refere às crenças que os falantes levam consigo a respeito da variante de prestígio da primeira língua. Em cada língua existem percepções que não devem ser transplantadas a outras línguas, uma vez que um mesmo fenômeno pode não ser considerado apropriado nas normas vigentes da língua alvo.

No que concerne à concepção da gramática como objeto de correção gramatical, relacionado às crenças do falar e escrever corretamente em uma língua, demonstrou-se ao longo do trabalho que há divergências significativas enquanto à definição de *gramática*, tanto entre os principais dicionários da língua portuguesa, quanto em dicionários mais específicos, como os especializados em termos linguísticos. Outro aspecto bastante complexo considerado durante a pesquisa refere-se à ausência de uma percepção da língua como um conjunto de sistemas que compreendem uma variedade de normas linguísticas e, portanto, passível de diferentes formas de expressar-se por parte dos falantes.

Na gramática da língua espanhola, a noção de língua como um diassistema está presente por meio de descrições e exemplos que abrangem as diversas normas do espanhol, além da língua comum ou *panespañol*. Não obstante, observou-se que as informações fornecidas pela gramática nem sempre são capazes de apresentar a diversidade e a complexidade dos diferentes fenômenos linguísticos. Entretanto, a literatura demonstra também que o emprego das formas verbais transcendem as variedades veiculadas pela gramática e que vai além das dimensões diatópicas, diafásicas ou diastráticas da língua.

Há ainda muitas lacunas em relação aos fenômenos da morfologia verbal da língua espanhola a serem estudados. A respeito da escolha que os falantes fazem ao empregarem uma das formas pretéritas e não outra, e sobre o que pretendem expressar quando o fazem, poderíamos conjecturar se a concomitância do espanhol e de língua indígenas maternas, como o quéchua, em um mesmo território poderia influenciar de diferentes maneiras no emprego das formas do pretérito perfeito no espanhol americano, e se a escolha majoritária do *pretérito perfecto simple* na América espanhola sucede devido a um possível mecanismo de economia linguística. Contudo, não cabe a esse trabalho examinar essas questões, visto que essa complexidade vai além dos limites do presente trabalho.

Por fim, salientamos que se faz necessário dar devida atenção aos conteúdos abordados nas aulas de ELE, especialmente com respeito aos fenômenos da LE e em como a

gramática dessa língua os aborda. Sobretudo, é indispensável que esses e todos os conteúdos sejam compreendidos à luz de uma concepção sistêmica da língua (Cosériu, 1979).

Em síntese, esse trabalho destaca a importância do uso da gramática como apoio à investigação de diferentes fenômenos da língua, com o objetivo de vir a debater alternativas que possam contribuir no ensino e na aprendizagem de uma língua estrangeira. Bem como, evidencia a valorização das diferentes normas de uma língua histórica para a construção de um conhecimento que leve em consideração aspectos linguísticos realmente relevantes nas aulas de língua estrangeira.

## REFERÊNCIAS

- ALARCOS LLORACH, E. **Gramática de la lengua española**. Madri: Espasa, 2000.
- ALEZA IZQUIERDO, M. Morfología y sintaxis. Observaciones gramaticales de interés en el español de América. In: ALEZA IZQUIERDO, M.; ENGUITA UTRILLA, J. M. (coord). **La lengua española en América normas y usos actuales**. València: Universitat de València, p.95-223, 2010. Disponível em: <https://www.uv.es/aleza/esp.am.pdf>. Acesso em: 11 jan 2022.
- BECHARA, E. **Moderna gramática portuguesa**. 39 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2019.
- BERSCHIN, Helmut. A propósito de la teoría de los tiempos verbales: Perfecto simple y Perfecto compuesto en el español peninsular y colombiano. **Thesaurus**. Tomo XXX, n. 3, 1975. Disponível em: [https://cvc.cervantes.es/lengua/thesaurus/pdf/30/TH\\_30\\_003\\_147\\_0.pdf](https://cvc.cervantes.es/lengua/thesaurus/pdf/30/TH_30_003_147_0.pdf). Acesso em: 12 abr 2022.
- BUSSMANN, H. **Routledge Dictionary of Language and Linguistics**. Londres: Routledge, 2006.
- CALDERÓN CAMPOS, M. Formas de tratamiento. In: ALEZA IZQUIERDO, M.; ENGUITA UTRILLA, J. M. (coord). **La lengua española en América normas y usos actuales**. València: Universitat de València, p.225-236, 2010. Disponível em: <https://www.uv.es/aleza/esp.am.pdf>. Acesso em: 11 mar 2022.
- CÂMARA JR., J. MATTOSO. **Dicionário de linguística e gramática**. 9ªed. Petrópolis: Vozes, 1981.
- COSEREIU, E. **Teoria da linguagem e linguística geral: cinco estudos**. Rio de Janeiro: Presença, p. 101-125, 1979.
- COVID-19: “La mascarilla todavía no se va a retirar”, afirma el nuevo ministro de Salud. **Perú21**, Lima, 10 abr 2022. Disponível em: <https://peru21.pe/lima/covid-19-la-mascarilla-todavia-no-se-va-a-retirar-afirma-el-nuevo-ministro-de-salud-noticia/>. Acesso em: 10 abr 2022.
- D'HOY, C. Cada 20 horas se registró un asesinato en Caracas entre enero y febrero. **El Universal**, Caracas, 10 abr 2022. Disponível em: <https://www.eluniversal.com/sucesos/122633/cada-20-horas-se-registro-un-asesinato-en-caracas-entre-enero-y-febrero>. Acesso em: 10 abr 2022.
- FARACO, C. A. **Ensinar X Não ensinar gramática: ainda cabe essa questão?** Revista Calidoscópico. Vol. 4, n.1, p. 15-26, jan/abr 2006. Disponível em: <http://revistas.unisinos.br/index.php/calidoscopio/article/view/5983>. Acesso em: 11 mar 2022.
- FERREIRA, A. B. de H. **Novo dicionário Aurélio da língua portuguesa**. 3ª ed. Curitiba: Positivo, 2004.

FLORES, R. La basura no da tregua al lago Uru Uru de Oruro; la euforia ambientalista no duró. **La Razón**. La Paz, 9abr 2022. Disponível em: <https://www.la-razon.com/ciudades/2022/04/09/colecta-mundial-recauda-10-100-millones-de-euros-para-ucrania/>. Acesso em: 10 abr 2022.

FLORES, V. do N. A heterogeneidade dos estudos da linguagem e o ensino de língua materna: Do que falam os linguistas? **Revista Calidoscópico**. Vol. 4, n.1, p. 7-14, jan/abr 2006. Disponível em: <http://revistas.unisinos.br/index.php/calidoscopio/article/view/5982>. Acesso em: 11 mar 2022.

GRAMÁTICA. In: **Michaelis, Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa**. São Paulo: Editora Melhoramentos, 2022. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/busca?r=0&f=0&t=0&palavra=gram%C3%A1tica>. Acesso em: 19 de mar. 2022.

GRAMÁTICA. In: **Diccionario de la lengua española**. Madri: Real Academia Española, 2022. Disponível em: [gramático, gramática | Definición | Diccionario de la lengua española | RAE - ASALE](https://www.rae.es/diccionario-de-la-lengua-espanola). Acesso em: 04 de abr. 2022.

GUY, G. R. ZILLES, A. M. S. O ensino de língua materna: uma perspectiva sociolinguística. **Revista Calidoscópico**. Vol. 4, n.1, p. 39-50, jan/abr 2006. Disponível em: <http://revistas.unisinos.br/index.php/calidoscopio/article/view/5985>. Acesso em: 11 mar 2022.

HOUAISS, A.; VILAR, M. de S. **Grande Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2008.

LIMA, C. H. da R. **Gramática normativa da língua portuguesa**. 49 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2011.

LIPSKI, J. M. **El español de América**. Madrid: Cátedra, 1996.

MIRANDA, H. Frecuencia de las formas verbales en el habla culta de Santiago de Chile. **Boletín de filología**. Vol. XXXI, No 2, p. 865-880, 1981. Universidad de Chile. Disponível em: <https://boletinfilologia.uchile.cl/index.php/BDF/article/view/46614/48618>. Acesso em: 12 abr 2022.

MONTES GIRALDO, J. J. El español bogotano en 1983: muestra fonética y gramatical. **Thesaurus**. Tomo XL, n. 2, 1985. Disponível em: [http://bibliotecadigital.caroycuervo.gov.co/642/1/th\\_40\\_002\\_053\\_0.pdf](http://bibliotecadigital.caroycuervo.gov.co/642/1/th_40_002_053_0.pdf). Acesso em: 12 jan 2022.

MORENO DE ALBA, J. G. Frecuencias de formas verbales en el español hablado en México. **Anuario de Letras**. Lingüística y Filología. Vol. 10, p.175-189, 1972. Universidad Nacional Autónoma de México. Disponível em: <https://revistas-filologicas.unam.mx/anuario-letras/index.php/al/article/view/274/273>. Acesso em: 12 abr 2022.

OLIVARES ALONSO, E. En 2021 desaparecieron 14 menores al día en México: Redim. **La Jornada**, Cidade do México, 18 abr 2022. Disponível em: <https://www.jornada.com.mx/notas/2022/04/18/sociedad/en-2021-desaparecieron-14-menores-al-dia-en-mexico-redim/>. Acesso em: 18 abr 2022.

PORTO DAPENA, J. A. **El verbo y su conjugación**. Madrid: Arco/Libros S.A, p.32-37, 1987.

PRIETO, M. F. Restos humanos más antiguos de Australia serán regresados al lugar donde fueron descubiertos. **Emol**, Santiago, 07 abr 2022. Disponible em: <https://www.emol.com/noticias/Tecnologia/2022/04/07/1057353/australia-enterraran-restos-humanos-antiguos.html>. Acceso em 10 abr 2022.

REAL ACADEMIA ESPAÑOLA. **Nueva gramática de la lengua española**: manual. Madri: Espasa Libros, 2010.

REPSOL cifra en 57 millones de euros el coste de limpieza y reparación del derrame petrolero en Perú. **El País**, Lima/Madri, 18 feb 2022. Disponible em: <https://elpais.com/economia/2022-02-18/repso-cifra-en-57-millones-de-euros-el-coste-de-limpieza-y-reparacion-del-derrame-petrolero-en-peru.html>. Acceso em: 18 feb 2022.

RICHARDS, J.; SCHMIDT, R. **Longman Dictionary of language teaching and applied linguistics**. 4ªed. Londres: Pearson, 2010.

ROJAS CÁRDENAS, J. D. **Formas y fórmulas de tratamiento en el español hablado en Sogamoso** (Colombia). Tunja: Universidad Pedagógica y Tecnológica de Colombia, 2018. Disponible em: [https://repositorio.uptc.edu.co/bitstream/001/2343/1/TGT\\_993.pdf](https://repositorio.uptc.edu.co/bitstream/001/2343/1/TGT_993.pdf). Acceso em: 21 mar 2022.

ROJO, G. Relaciones entre temporalidad y aspecto en el verbo español. In: BOSQUE, I.(ed.). **Tiempo y aspecto en español**. Madri: Cátedra, p.17-41, 1999.

SEÑAS: diccionario para la enseñanza de la Lengua Española para brasileños. 4ªed. São Paulo: WTF Martins Fontes, 2013.

VEIGA, A. Sobre el significado del “pretérito perfecto” español y el estudio de su variación geolingüística. **Revista Nebrija de Lingüística Aplicada**. n. 18, 2015. Universidad Nebrija. Disponible em: <https://www.nebrija.com/revista-linguistica/sobre-el-significado-del-preterito-perfecto-esp%C3%B1ol-y-el-estudio-de-su-variacion-geolingüística.html>. Acceso em 11 jan 2022.